



## Trabalho 1903

### RESILIÊNCIA DO ENFERMEIRO DIANTE DO CONTEXTO LABORAL EM TERAPIA INTENSIVA: ANÁLISE DOS FATORES PROTETORES.

Élissa Jôse Erhardt Rollemberg Cruz<sup>1</sup>

Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza<sup>2</sup>

Carolina Cabral Pereira da Costa<sup>3</sup>

**Introdução:** Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado, que foi apresentada para a obtenção do título de mestre, no ano de 2009, na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Propõe-se como objeto de estudo para tal recorte: fatores protetores e a resiliência dos enfermeiros de uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). **Objetivos:** Analisar os fatores protetores relacionados à resiliência dos enfermeiros intensivistas os quais favorecem a manutenção da saúde diante do contexto da Terapia Intensiva. **Descrição Metodológica:** Pesquisa qualitativa, descritiva, cujo cenário foi uma UTI de um Hospital privado do município do Rio de Janeiro. Os sujeitos foram dez enfermeiros(as) intensivistas, em pleno exercício das atividades laborais, com atuação nessa UTI há pelo menos um ano. A coleta foi realizada de junho a agosto de 2008 através da entrevista semiestruturada e da aplicação da escala de resiliência<sup>2</sup>. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital, cenário do estudo, sob o número de protocolo 255. Os dados foram tratados à luz da análise temática de conteúdo<sup>3</sup>. **Resultados:** Buscou-se compreender a resiliência dos enfermeiros intensivistas a partir da identificação dos fatores protetores da sua saúde. Assim, a partir da análise dos depoimentos, verificou-se que, quanto ao tempo de atuação na UTI, o grupo variou entre 03 a 19 anos, e 60% da equipe atua há mais de dez anos na unidade. Esse dado aponta para o fato de que a longa permanência desses profissionais nesse espaço denota a presença da resiliência como elemento constituinte do cotidiano de tais profissionais. A aplicação da Escala de Resiliência<sup>2</sup> foi realizada com a totalidade dos sujeitos envolvidos no estudo. Após a aplicação do instrumento, foi calculado o somatório da pontuação de cada sujeito, totalizando o escore. Identificou-se que, após a aplicação da escala de resiliência, dez sujeitos apresentaram um alto escore, evidenciando que todos são resilientes. Para agregar maior confiabilidade na mensuração dos dados e análise da escala, foi realizado um tratamento estatístico adicional, que se constituiu do cálculo do ponto de corte para essa população, o qual constou da média aritmética menos um desvio padrão, encontrando 126,96 pontos. Através desse método verificou-se que nove profissionais eram resilientes e um não era. Destaca-se que foi com cautela que se definiu a resiliência dos enfermeiros intensivistas, entendendo que a resiliência não é um processo uniforme, linear, nem definitivo, e sim algo dinâmico e processual, que ocorrerá de acordo com o contexto em que se apresentarem as situações. Constatou-se que a manutenção de um ambiente de trabalho que proporcione, além dos recursos materiais, humanos e informacionais, uma harmonia nos relacionamentos interpessoais é fator primordial na construção da resiliência, da proteção à saúde, da motivação e um incentivo à permanência do enfermeiro na UTI. Apreende-se que os sujeitos conferem à equipe de enfermagem um forte sentimento de pertencimento a um grupo, tal como uma grande família, demonstrando que a proposta de trabalho definida e coletivamente partilhada, em conjunto com o desejo comum de cuidar, substancia o exercício

<sup>1</sup>Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Enfermeira da Equipe da Estratégia da Saúde da família do CMS Clementino Fraga Filho. Professora Substituta da Faculdade de Enfermagem da UERJ.

<sup>2</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Vice-diretora da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Procientista da UERJ. Professora Permanente do Curso de Pós Graduação *Strictu sensu* da Faculdade de Enfermagem da UERJ.

<sup>3</sup>Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela ENF UERJ. Enfermeira do Trabalho e Estomaterapeuta. Professora Substituta da ENF UERJ



## Trabalho 1903

de relações afetuosas e cuidadoras suportivas entre os sujeitos. Graças à resiliência e a rede de suporte que envolve esses sujeitos, verifica-se que há um amadurecimento no sentido de conhecerem suas potencialidades e limites, saberem do que gostam ou o que os desagradam. Este é um dado que se caracteriza como fator de proteção para os enfermeiros (autoconhecimento). Verificou-se que os sujeitos nunca tiveram problemas de saúde relacionados com trabalho ou com as condições laborais, porém todos relataram sofrer repercussões como cansaço, estresse físico e mental relacionados às atividades na UTI. Os depoimentos apontaram para questões dialéticas próprias do mundo do trabalho e do ser humano, pois ao mesmo tempo em que negam, em um primeiro momento, as repercussões do labor em seus corpos ou as consideram normais, apreendeu-se também, o aparecimento de desgaste físico e psíquico, além de sentimentos de frustração e ressentimento. Assim, pode-se inferir que há um desgaste psicofísico destes profissionais ainda que o prazer predomine na relação com o trabalho. Isto porque a percepção de prazer é sustentada por aspectos que estão aquém da possibilidade de intervir no cansaço, visto que este é proveniente das constantes mobilizações psicocognitivas e motoras que demandam da própria atividade laboral nas UTIs, permeadas de variabilidade, enquanto o prazer está relacionado a questões mais subjetivas como as expectativas com o trabalho e a valorização profissional. Com relação às estratégias relacionadas à promoção da saúde, os depoimentos e as respostas dadas ao instrumento da Escala de Resiliência evidenciam preocupação com a manutenção de hábitos de vida saudáveis, de manterem uma rede social suportiva também fora do ambiente de trabalho e a capacidade que têm de encontrar um sentido à vida e um orgulho/satisfação por seus feitos. As estratégias encontradas para os enfermeiros manterem-se resilientes são variadas: prática do lazer e esporte, adoção de alimentação saudável, autoconhecimento, manutenção de uma rede de amigos e familiares fortalecida. Incluem-se também aspectos ligados à espiritualidade e uma configuração da organização e do processo de trabalho que permitam o diálogo e a manifestação da subjetividade dos trabalhadores. Apreende-se que para estar resilientes é preciso agregar múltiplos fatores protetores que envolvem aspectos psíquicos, sociais, espirituais e econômicos. **Conclusão:** Verificou-se que os enfermeiros são resilientes frente às características desta UTI, em especial a variabilidade própria do ambiente. Os fatores protetores apreendidos, os quais ajudam a garantir a resiliência dos enfermeiros foram: prática de esporte, lazer regular, convívio com amigos e familiares, bom relacionamento com os colegas de trabalho, alimentação adequada, atenção aos aspectos espirituais, além de estarem inseridos numa organização de trabalho que valoriza a dimensão subjetiva do trabalhador. Desta forma, verifica-se que estes fatores garantem a permanência dos enfermeiros na UTI, inclusive revelando uma baixa rotatividade, insignificante absenteísmo e nenhuma licença médica. **Contribuições / implicações para a Enfermagem:** Este trabalho contribui para despertar o interesse por disciplinas pouco discutidas no curso de graduação, relacionados à área da subjetividade e do trabalho. Sugere-se o desenvolvimento de outras pesquisas, por exemplo, a correlação entre fatores de risco, fatores protetores da resiliência frente à variabilidade da UTI, porém ampliando o foco para toda a equipe de enfermagem e em diferentes cenários de prática da enfermagem. **Descritores:** Saúde do Trabalhador. Enfermagem. Resiliência. **EIXO III** - Diversidade cultural e o trabalho de enfermagem. **Referências:** <sup>1</sup>Cruz, EJER. Resiliência do enfermeiro diante da variabilidade do trabalho em terapia intensiva. 2009. 97f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2009. <sup>2</sup>Wagnild GM.;Young HM. Development and psychometric evaluation of resilience scale. J Nurs Meas, 1993. 1:165-178. <sup>3</sup>Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2011.